



A6-405 Assessoria da casa da mulher do nordeste e o processo de empoderamento das agricultoras no Sertão do Pajeú de Pernambuco-Brasil

Michelly Aragão Guimarães Costa

UFRPE/PADR; mikellyaragao@gmail.com

Resumo

O estudo tem como objetivo analisar de que forma a assessoria da Casa da Mulher do Nordeste (CMN) tem favorecido as mudanças nos processos e estruturas das relações desiguais de gênero na agricultura familiar do Sertão do Pajeú-PE. Para isso, recorreu-se à revisão bibliográfica, observação participativa dos agroecossistemas, utilização de metodologias participativas e de entrevistas narrativas com as agricultoras. Para compreensão dos limites e avanços da assessoria da CMN, recorreremos às entrevistas e ao acompanhamento das atividades das técnicas, tal como a percepção do serviço recebido pelas agricultoras. A CMN tem possibilitado autonomia econômica e política às mulheres, contudo a reorganização e o enfrentamento das relações desiguais entre homens e mulheres no âmbito da divisão sexual do trabalho ainda é um desafio à instituição tal como, o papel do Estado em assegurar ações estruturantes a fim de não reproduzir o machismo institucional às mulheres rurais.

Palavras-chave: mulheres rurais; relações de gênero; extensão rural para mulheres; agroecologia; semiárido.

Abstract

This study aims to analyze how the advice of the Casa da Mulher do Nordeste (CMN) has favored the changes in the processes and structures of unequal gender relations in the family farm in Semiarid of Pajeú-PE. For this, we used the literature review, participant observation in family production units, the use of participatory methodologies and narrative interviews with women farmers. To understand the limits and CMN's advice advances, we use the interviews and monitoring the activities of techniques, such as the perception of service received by women farmers. The advice of the CMN has enabled greater economic and political autonomy to women, however the reorganization and confront the unequal relations between men and women in the sexual division of labor still shown as a challenge to the institution as the state's role in ensure structural actions in order not to reproduce the institutional sexism women's field.

Keywords: rural women; gender relations; rural extension for women; agroecology; semiarid.

Introdução

O presente artigo é parte da dissertação do Programa de Pós Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural - PADR/UFRPE que tem como objetivo complexificar o papel da assessoria técnica como instrumento para o processo de empoderamento das mulheres



rurais. Assim, apresentaremos problematizações que elucidem os limites acerca da assessoria da Casa da Mulher do Nordeste para o efetivo fortalecimento e protagonismo das agricultoras no meio rural.

As mulheres rurais exercem um papel fundamental em nossa sociedade. Seu trabalho produtivo, reprodutivo, do cuidado e do bem-estar da família, a exemplo das atividades realizadas pelas agricultoras (a segurança alimentar, o manejo da biodiversidade o beneficiamento dos alimentos, a diversificação das fontes de renda, os cuidados com a saúde, dentre tantas outras), são atividades essenciais para a sobrevivência e reprodução das famílias do campo. No entanto, para Costa (2000), apesar das transformações ocorridas na condição feminina ao longo das últimas décadas, muitas mulheres não podem decidir sobre suas vidas, não se constituem enquanto sujeitos, não exercem o poder e, principalmente, não acumulam esse poder, mas o reproduzem, não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato controlam o poder.

A CMN é uma organização não governamental feminista, fundada em 1980, com atuação na capital e no interior do estado de Pernambuco. A CMN tem como missão o empoderamento econômico e político das mulheres, tendo como base o feminismo (CMN, 2012). No Sertão do Pajeú – região do semiárido Pernambucano –, a CMN atua com o Programa Mulher & Vida Rural, cujo objetivo é fortalecer a capacidade produtiva, a participação política e a auto-organização das mulheres nos espaços rurais através da construção de conhecimentos agroecológicos e da ação em rede.

As principais políticas institucionais que fundamentam a organização e a sustentabilidade da CMN são essencialmente as estratégias de comunicação, mobilização de recurso, articulação em rede e participação política. Entretanto todo o trabalho da CMN é efetivado através da articulação em rede a partir de parcerias com diversos sujeitos sociais e atores, especialmente no âmbito do movimento de mulheres (CMN, 2012). A equipe da CMN é formada exclusivamente por mulheres. A equipe é multidisciplinar, havendo pessoas com formação em Ciências Sociais, Serviço Social, Economia Doméstica, História, Agronomia, Pedagogia, Engenharia de Pesca, Educação Ambiental, Ciências Contábeis e Administração. Todas elas têm formação feminista e militam no movimento, na Economia Solidária e na Agroecologia (Brandão, 2010). Essa pluralidade e diversidade da equipe de trabalho fomentam os diálogos em torno das distintas problemáticas vivenciadas pelas mulheres de forma mais integrativa e complexa, a partir dos diferentes olhares e saberes de cada integrante. Todas as assessoras técnicas que trabalham no Sertão do Pajeú são mulheres e possuem uma formação direcionada para a agricultura familiar ou com enfoque agroecológico.

Segundo os relatos das técnicas, esse é o grande diferencial da CMN, pois dessa forma, elas conseguem superar a formação tecnicista e voltada para o agronegócio empresarial da formação profissional de nível médio e de nível superior na área das Ciências Agrárias. Para elas, são raros os cursos que formam profissionais para atuar com a agricultura familiar e que fazem uma discussão de gênero a fim de visibilizar o trabalho das mulheres na unidade produtiva familiar. Em 2002, quando a CMN iniciou suas atividades no Sertão do Pajeú, foi realizado um diagnóstico (Almeida & Santos, 2002) para compreender as problemáticas vivenciadas pelas mulheres agricultoras. Tal instrumento possibilitou evidenciar a realidade das mulheres naquele período, trazendo a tona suas principais dificuldades: a situação de extrema pobreza e dependência econômica dos maridos, a tolerância à violência doméstica, a invisibilidade e desvalorização do seu trabalho, assim como a desigualdade de poder e tomada de decisão na unidade produtiva.



A partir desse contexto, as primeiras intervenções da CMN tiveram como objetivo responder as questões agrárias e agrícolas relacionadas à falta de acesso a terra e à falta de autonomia das mulheres nas decisões sobre as atividades produtivas na unidade familiar (Nobre et al., 2008). Assim, com base nos princípios da agroecologia e do feminismo, utilizando metodologias participativas, inicia-se a construção coletiva do conhecimento entre as técnicas extensionistas e as agricultoras sobre seus sistemas produtivos (Nobre et al., 2008). A CMN tem buscado influenciar com proposições nos espaços políticos, denotando a importância das mulheres para a convivência com o semiárido “a partir de processos participativos de resgate e construção cultural de alternativas apropriadas” ao ecossistema (Silva, 2007).

Desde 2010, o Semiárido brasileiro passa por uma das maiores secas dos últimos trinta anos, atingindo fortemente as famílias e em especial as mulheres, que são as principais responsáveis pela gestão da água (Moura, s/d; Baptista et al, 2013). Há inúmeros os desafios e limites, sendo a CMN um dos atores agentes nesse processo em busca de ações estruturantes que possibilitem outras formas de convivência no semiárido às mulheres rurais. Afinal, repensar a relação com o semiárido a partir da convivência é pensar um semiárido mais justo, e com as mesmas oportunidades e direitos aos homens e às mulheres do campo.

Metodologia

A observação participativa foi o principal procedimento do estudo, assim como as ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) e entrevistas narrativas, a fim de compreender as relações de gênero e o papel das agricultoras na unidade de base familiar. O trabalho de campo foi realizado em quatro (04) unidades produtivas das mulheres selecionadas, no período de 40 dias, de outubro a novembro de 2013. Para a seleção das agricultoras, empregamos a intersecção dos critérios: as mulheres que obtiveram maior acompanhamento e monitoramento sistemático pela assessoria e; as mulheres que tiveram maior participação nas atividades e ações realizadas pela CMN. Com relação às melhorias e/ou mudanças na vida das mulheres, utilizamos como instrumento a entrevista narrativa. A entrevista narrativa, segundo Bauer & Gaskell (2008) são ricas, pois fazem referência a acontecimentos concretos em um lugar e em um tempo; referem-se à experiência pessoal e tendem a ser detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e ações. Referente à área de estudo foram abordados de forma geral os aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais do Sertão do Pajeú, uma vez que as mulheres e as famílias selecionadas residem em comunidades e municípios diferentes do território, que são: Afogados da Ingazeira (duas famílias), São José do Egito (uma família) e Flores (uma família). Contudo, para o presente artigo nos aprofundaremos somente a um dos casos estudados na dissertação.

Resultados e discussões

D. Lina, agricultora residente em Afogados da Ingazeira já foi tesoureira e secretária por duas vezes na associação de agricultores da sua comunidade; foi fundadora e é a atual coordenadora do grupo de Mulheres Xique-Xique; é agente de leitura do Programa Arca das Letras da sua comunidade, integra a comissão de mulheres do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Afogados da Ingazeira; integra a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, no qual faz parte do comitê gestor e do fundo solidário, além de O grupo de Mulheres Xique-Xique foi criado em 2000 e atua com o beneficiamento de polpas de frutas, doces e geleias.



Atualmente, os produtos são comercializados por meio do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) no mercado local e na feira agroecológica do município. A partir da associação comunitária e do grupo de mulheres é que D. Lina teve contato com a assessoria da CMN, em 2003, e desde então vem sendo acompanhada pela instituição. D. Lina avalia ter sido fundamental a participação da assessoria no fortalecimento das mulheres e no planejamento da unidade de beneficiamento do grupo Xique-Xique:

Foi muito importante, muito, pra mim e pro grupo. A gente precisou muito, todas as etapas desde o início do grupo. Ela foi trazendo a questão de gênero, formação mesmo pra gente poder tá enfrentando. Senão a gente não tinha enfrentado os bichos não. Foi através dela que a gente ia se fortalecendo, conhecendo os nossos direitos e a gente pode brigar pra gente se defender e a CMN teve esse papel. Ela também tinha o papel importante, que ela ia buscar outros parceiros, ela trazia outras parcerias boas também, pra dar suporte baseado no que a gente precisava. Ela dá muita credibilidade ao nosso trabalho, a atividade produtiva (Dona Lina).

Como podemos observar, o serviço da assessoria é de grande importância para o desenvolvimento e protagonismo das mulheres na agricultura familiar e, nesse sentido, destacamos a assessoria que visibiliza e reconhece o trabalho das mulheres. Afinal, de acordo com Siliprandi (2002), os serviços de ATER “sempre privilegiaram a participação masculina, reforçando a desigualdade entre os gêneros, através de uma postura que reafirmava que aos homens pertencia o conhecimento, o acesso à informação e formação, bem como o acesso às novas tecnologias”. Assim, os intercâmbios e as formações promovidos pela assessoria da CMN ao grupo também foram recordados com muita emoção por D. Lina, por terem melhorado sua autoestima e reconhecimento na sua família e comunidade. Quanto ao trabalho realizado pela assessoria da CMN, D. Lina expõe que o trabalho sistemático é algo fundamental para o reconhecimento das necessidades e carência do grupo Xique-Xique. A rotatividade das técnicas fragiliza a relação processual das problemáticas e desafios do grupo, conforme relata:

A gente sempre teve a assessoria CMN, mas mudava e a gente sempre reclama, porque mudava muito a técnica. A gente tava acostumando com uma e aí mudava. As vezes era pessoas que não era daqui do estado ou voltava pro lugar que era. Por questões particulares, não era por causa da comunidade ou do grupo não (D. Lina).

Atualmente o grupo Xique-Xique já é uma experiência consolidada, com reconhecimento na comunidade e região, pelo processo de acompanhamento e fortalecimento realizado também pela atuação da CMN junto às mulheres. Assim, D. Lina relata que já alcançaram certa autonomia da assessoria:

no início a gente tinha mais necessidade, e a gente tava desenvolvendo coisa que a gente era curioso e, a gente não tinha tanto apropriação. Aí a CMN tanto na construção da unidade como na formação era mais forte. E hoje, é como se a gente não precisasse tanto, mas elas sempre estão à disposição e a gente vai se entendendo (Dona Lina).

Assim, questionamos à D. Lina quais as principais dificuldades do grupo e o que gostaria que a assessoria contribuísse. Ela argumenta que é a necessidade de articulação com outras mulheres da comunidade (mulheres que não necessariamente tenham interesse na unidade produtiva de beneficiamento), aspectos da gestão e comercialização do grupo. Apesar de D. Lina conseguir atuar hoje nesses espaços, ela relata que enfrentou muitas



barreiras e preconceitos por querer construir sua própria história e desenvolver os projetos produtivos com as mulheres na sua comunidade.

D. Lina, ao refletir sobre o momento da sua vida, consegue visualizar muitas mudanças, que foram fundamentais para conseguir conquistar outros espaços além da sua casa, se fortalecer, se impor, ter sua renda, assegurar sua autonomia e liberdade para sonhar e desenvolver seus projetos. Porém, muitas mulheres ainda não conseguem vislumbrar, nem sequer imaginar, sua vida longe das amarras do machismo patriarcal, sofrendo distintas violências (física, sexual, psicológica, simbólica). Neste sentido, a assessoria da CMN fomentou, a partir dos grupos de mulheres, a reflexão e autoconsciência de subjugação em que as mulheres são acometidas nessa sociedade. Assim, promovia os momentos de socialização da experiência vivida, de solidariedade e compartilhamento generoso por essas mulheres – por vezes dolorosos e sofridos –, mas que foram fundamentais para o processo de empoderamento.

Conclusões

O exercício da fala pelas mulheres e a participação nos espaços políticos têm sido alguns dos maiores avanços que a CMN tem fortalecido, no qual as mulheres se sentem mais confiantes e seguras para atuarem nos espaços políticos e mistos. A CMN trouxe alguns benefícios de ordem econômica, política e subjetiva, como a autoestima e o reconhecimento pelas mulheres do seu próprio trabalho, a exemplo do fortalecimento dos grupos de mulheres na Região do Pajeú, e, nesse sentido, mostra-nos a relevância desse espaço de ajuda mútua, solidariedade e experimentos entre as mulheres. A cultura machista patriarcal sobrecarrega o trabalho das mulheres, assim como a violência doméstica, simbólica e psicológica, sendo apontado pela assessoria como um dos principais entraves para a melhora na divisão sexual do trabalho das famílias e autonomia das mulheres.

Referencias bibliográficas

- Almeida M, & G Santos (2002) Diagnóstico das Relações de Gênero na Agricultura de Base Familiar no Sertão do Pajeú/PE – Casa da Mulher do Nordeste. CMN: Recife.
- Bauer, M. W; Gaskell, G.(2008) Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-111.
- Brandão, A. M. (2010) Economia Solidária e Feminista: a experiência da Casa da Mulher do Nordeste. NAU - Revista Eletrônica da Residência Social do CIAGS/UFBA, Salvador, v.1, n.1, Jun/Nov p. 65-70.
- CMN. (2012) Casa da Mulher do Nordeste: programas, políticas e articulações. Disponível em: <<http://www.casadamulherdonordeste.org.br/quem-somos.php>>. Acesso em: 07 jun 2013.
- Costa, A. A. (2000) Gênero, poder e empoderamento das Mulheres. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA.
- Moura, M. S. B. et all. s/d. Clima e água de chuva no semiárido. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPATSA/36534/1/OPB1515.pdf>>. Acesso em: 18 abr 2013.
- Nobre, A. C.; Souza, E.; Almeida, M. (2008) Unidades Agroecológicas de Mulheres: empoderamento a partir da gestão. In Cadernos Feministas de Economia & Política. Recife – PE. Casa da Mulher do Nordeste, n 4.
- Silva, R. M. A. (2007) Entre o combate à seca e a convivência com o Semiárido: políticas públicas e transição paradigmática. Rev. Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 38, nº3, jul -set.